

EDUCAÇÃO SENSÍVEL FRENTE À COLONIALIDADE DO SABER: POESIA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

*SENSITIVE EDUCATION IN FRONT OF THE COLONIALITY OF
KNOWLEDGE: POETRY, MEMORY AND RESISTANCE*

Dia Ermínia da Paixão Favacho
PPGED-UEPA
Josebel Akel Fares
PPGED-UEPA

Resumo

O presente artigo desenvolve, a partir de Maffesoli (2008), Zumthor (2010), Loureiro (2001), Fares (2003), entre outros, pressupostos da educação sensível e, diante destes, reflete a colonialidade do saber, apontando a importância da poética da voz que nos constitui como sujeitos e, desse modo, faz a memória de nossos corpos atuantes na resistência de seres invisibilizados pelo processo de colonização. Processo que perdura, apesar da suposta finalização da realidade de dependência. Tal colonialidade, compreendida a partir de Maldonado-Torres (2018), Santos (2020), Fleuri (2017), entre outros, se expressa na perpetuação de hierarquias sociais de diversas formas e sob diferentes âmbitos. Ao compreender o imbricamento indissociável das colonialidades do poder, do saber e do ser, o texto se volta à colonialidade do saber no sentido de confrontá-la à educação sensível e seu indispensável papel de refutar e romper com as hierarquias coloniais reprodutoras da violência epistêmica que não atende a dimensão poética do sujeito. Questões fundamentais para o desenvolvimento de uma educação libertadora projetada pela via da poiesis na Educação Sensível.

Palavras-chave:

Educação sensível; colonialidade do saber; poética da voz.

Abstract

This article develops from Maffesoli (2008), Zumthor (2010), Loureiro (2001), Fares (2003), among others, presupposes of sensitive education and, in view of these, reflects the coloniality of knowledge, pointing out the importance of the poetics of the voice that constitutes us as subjects and, in this way, makes the memory of our bodies acting in the resistance of beings made invisible by the colonization process. A process that lasts, despite the supposed completion of the reality of dependency. Such coloniality, understood from Maldonado-Torres (2018), Santos (2020), Fleuri (2017), among others, it is expressed in the perpetuation of social hierarchies in different ways and under different scopes. By understanding the inseparable imbrication of the colonialities of power, knowledge and being, the text turns to the coloniality of knowledge in the sense of confronting it with sensitive education and its indispensable role in refuting and breaking with colonial hierarchies that reproduce the epistemic violence that it does not meet the subject's poetic dimension. Fundamental issues for the development of a liberating education projected through poiesis in Sensitive Education.

Keywords:

Sensitive education; coloniality of knowledge; voice poetics.

VOZ PRIMEIRA

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(Evaristo, 2017, p. 17-18).

É possível reencontrar a voz poética de nossa ancestralidade a nos fazer ouvir a ressonância do eco da vida-liberdade. Por essa voz, fazemo-nos filhas e filhos da resistência, re-existindo em nossas memórias in-corp-oradas por gerações e gerações. E é neste sentido que se desenvolve aqui a ideia de educação sensível,¹ a partir dos saberes mitopoéticos que vibram a cultura, o corpo, a voz que afugenta o sistema opressor em seus processos de hierarquização dos modos de ser, de saber e de poder, da colonialidade instituída que nega identidades destoantes à supremacia eurocêntrica.

A colonialidade é esse engendramento cultural de permanência do colonialismo. Apesar de, supostamente, o processo de dependência ter chegado ao fim. Ela se expressa em hierarquias sociais que se mantêm e organizam a sociedade. As formas diversas de expressão dessa colonialidade se definem fundamentalmente, segundo Maldonado-Torres (2018), em três âmbitos: A colonialidade do poder, a colonialidade do saber e a colonialidade do ser. Quanto à colonialidade do poder, se expressam hierarquias raciais, de gênero, de classe no contexto econômico, nas relações de trabalho, também nas relações territoriais e políticas; relativo à colonialidade do saber, se expressa na prática de epistemicídio² (Santos, 2020), em que se revela a negação e apagamento de todos os conhecimentos que não se encaixam no modelo de racionalidade e de ciência definidos pela cultura europeia ocidental. Quanto à colonialidade do ser, apresenta-se na conformação de subjetividades fundadas em valores coloniais de subordinação e opressão que visam a reprodução da lógica de dominação da supremacia ocidentalocêntrica e de negação de todas as identidades outras, todas as subjetividades outras, fundadas em outras lógicas de ser no mundo.

Apesar da compreensão do imbricamento indissociável das colonialidades do poder, do saber e do ser, nesta abordagem a produção, ao articular as três dimensões da colonialidade, dará maior ênfase à colonialidade do saber, no sentido de confrontá-la à educação sensível e seu indispensável papel de refutação e rompimento com as hierarquias coloniais reprodutoras da violência epistêmica que não atende a dimensão poética do sujeito e da formação ontológica do ser.

A educação de e para a memória de resistência, que enfrenta a colonialidade do saber, é denominada deste modo, por tratarmos aqui de um corpo individual e coletivo, forjado na luta pela vida negada em suas formas de ser, por um sistema opressor hegemônico, que em sua lógica reconhece apenas um modo de existir como legítimo, mas que, ainda assim, estes corpos de outras formas de existências continuam presentes, a produzir conhecimentos, a enfrentar e resistir historicamente a todas as formas de violências investidas sobre as suas sociabilidades. Assim, a constituição individual e coletiva deste

corpo, a partir do exercício da voz primordial que promove a educação anti-funcionalista, promove a educação sensível reveladora da pulsão criativa que transforma e dá sentido à vida, segue confrontando a colonialidade do saber.

A poesia da voz, saber memória ancestral, faz a resistência do corpo negado pela vibração de quem fomos, quem somos e quem havemos sempre de ser e, desse modo, atua definitivamente contra as colonialidades do saber, do ser e do poder, articulados. Bom lembrar que nossas memórias são feitas, não apenas do instituído, mas também do instituinte, para lembrarmos Castoriadis (2004) e sua elaboração acerca do imaginário radical que é presente como potência criadora na singularidade dos seres que devem construir as sociedades autônomas. Assim, vale sustentar: somos feitos mais de poesia que de carne e osso.

VOZ DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL

Garganta profunda
Aberta ao ventre do Cosmos e do Caos
Vibração da profusão
Oris, Origem, Orifício
Língua Original
Boca-lábio céu e lábio inferno-
Órgão nutrição do prazer
Órgão vômito do que não se digere
Garganta tocada pela serpente
Pecado original
Beber-te
Engolir-te
Comer-te a boca da fala criadora
Vem e rasga grave o silêncio
Grito Único
Princípio
Sopro
Vida
E Luz.

(Favacho, 2018, p. 52)

A partir do poema, é possível refletir uma educação que se realiza pelo presente da voz, em que o conteúdo da sua vibração é a própria poesia. Este é o presente que a voz nos propicia quando canta o *oris*, a origem, o original. Ao ser tocada por ela - a dissonante voz do sopro criador - tomamos parte numa educação de reencontro com o nosso ser, uma educação da sensibilidade e assim pusemos em ação um modo de pensar

que desafia o pensamento hegemônico e instaura ou revela a existência de outras lógicas de pensamento. É sobre esta essência do presente na voz que as reflexões desenvolvidas neste estudo se manifestam, a poesia e o seu caráter transgressor do modo único de pensamento, legitimado socialmente. O fio do saber poético tecido pela oralidade compreende a memória e a educação dos sujeitos fazedores de suas culturas, de seus imaginários. Tais imaginários fundados na *mitopoiesis* continuam a regular a vida em sociedade, apesar de todo o processo de violenta opressão e, até mesmo, extermínio dos povos. Nossa voz ecoa suas vozes e assim será pela nossa vocação ontológica irrecusável de ser mais, como nos ensina o mestre Paulo Freire (2014).

Assim, é preciso ir ao encontro da voz carregada da memória mítica e da potência criadora das poéticas orais que fazem nossos corpos resistentes. A poesia da voz que educa o ser humano, desde a nossa mais remota existência, aponta o saber pela linha da beleza crítica e criativa que integra, junto com outras, esta trama do imaginário poético que faz as culturas humanas. A memória mitopoética que nos anima e recorda a matéria do ser. Esta que lembra o passado, mas não somente o passado de tempo decorrido no sentido horizontal, lembra ainda mais o passado no seu sentido vertical, aquele que vai à raiz. É lá que se pode realizar o grande encontro: o encontro com nós mesmos, em que podemos recordar quem fomos, quem somos e quem podemos ser. Essa é a voz que anuncia e faz acontecer a re-existência pela poiesis, pelo exercício da imaginação radical que pode e deve instituir novas realidades.

As musas cantam, com efeito, começando pelo início (...), o aparecimento do mundo, a gênese dos deuses, o nascimento da humanidade. O passado revelado deste modo é muito mais que o antecedente do presente: é sua fonte. Ascendendo até ele, a rememoração não procura situar os acontecimentos em um quadro temporal, mas, atingir o fundo do ser, descobrir o original, a realidade primordial da qual saiu o cosmo e que permite compreender o devir em seu conjunto (Vernant, 1973, p. 76).

A voz proclama o corpo. É a emanção do nosso ser, pois é por ele e nele que somos tempo e lugar. Sou porque tantos antes de mim foram e porque muitos junto a mim continuam sendo e, essa voz segue ecoando, vibrando de diversas

formas em inúmeras culturas. Ancora-se num arcaísmo presente em nosso ser, como naqueles das sociedades primeiras, corpo arcaico do *archê* que é o princípio. O sopro, sussurrado ou gritado gerou a vida e luta/lutará sempre para que em vida continue. A voz, desde o princípio, é vontade de existência:

ora, a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta seus sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria... (Zumthor, 2010, p. 9).

Nas culturas arcaicas, os povos têm na força do seu canto um lugar de resistência ressonante. Essa voz que é expansão, que é plenitude, canta a vibrar o corpo e faz vibrar a energia pulsante, desde o chão que os pés tocam até as mais longínquas distâncias, com as quais se conectam nos instantes de eterna duração. Este é o tempo característico da *poiesis* que educa para o existir em vida plena, educação de que tem sido feita nossas re-existências em corpo, voz, memória e poesia. Assim, a educação não está estritamente relacionada à instituição escolar. Educar diz respeito a poética que inaugura o ser, no mistério que promove o sentido da existência. Nos modos de educar originários, a presença dos ritos, dos mitos são a voz dos ensinamentos na vida cotidiana. Aprendizados com destino de eternidade, trazem a força da narrativa de todo percurso de vida e morte, manifesto na poesia em seus sentidos e mistérios.

As imagens presentificadas pela voz dos sujeitos tem conteúdo próprio: a poesia. É desse modo que a voz da educação sensível se revela na memória mitopoética coletiva:

O que aqui se diz sobre a alma individual pode, sem dificuldade ser extrapolado para a alma do mundo, para a alma de uma comunidade. As raízes de um ser, e as de uma comunidade, são uma mistura de passado, presente e futuro, mas não pode ser visto de modo externo; é preciso buscar sua lógica no próprio interior das mesmas, sob pena de ter uma visão abstrata desencarnada e, de cada vez mais, superficial (Maffesoli, 2008, p. 64).

As imagens buscadas são as que ultrapassam a realidade, reveladas pela voz crepuscular, fios de luz e de escuridão do real na irrealidade/do irreal na realidade. O sentido precisa ser o de perceber o fenômeno por sua razão interna, contrapondo-se à razão funcional ou instrumental. Trata-se da

razão interna, esta razão pela qual é possível tocar uma educação sensível. Educação mergulhada no imaginário poético, tal qual se evidencia na cultura amazônica, por exemplo.

Na realidade amazônica o mundo tem limites *sfumatos*, fundidos ou confundidos com o suprarreal, daí porque nela homens e deuses caminham juntos pela floresta e juntos navegam sobre os rios. Situam-se no impreciso limite entre aquilo que é e aquilo que poderia ser, nesse *sfumato* poetizante que interpenetra o real e o imaginário (Loureiro, 2001, p. 94, grifos do autor).

A voz da poesia na educação sensível ecoa o saber libertário que não se encaixa no modelo de ciência definida pela cultura europeia ocidental. São saberes vividos há milênios em diferentes lugares do mundo, para além da Amazônia. Saberes que cantam a luta, o amor, a beleza de ser mais, a partir dos ensinamentos ancestrais da humanidade e que afrontam a colonialidade do saber pela poesia do ser. Boaventura de Sousa Santos (2020) em seu livro *O fim do Império Cognitivo*, aponta a necessidade de desafiar as epistemologias dominantes a partir das *epistemologias do sul*, a identificar e a evidenciar os conhecimentos e modos de saber de sujeitos subalternizados. Saberes que sequer são tratados como conhecimento pela lógica dominante. Neste sentido, deve-se invocar ontologias outras que revelem diferentes modos de ser e estar no mundo, invocar as sociabilidades dos povos oprimidos, povos excluídos em suas formas de conhecer. A educação para a libertação tem a tarefa de escrutinar estes conhecimentos produzidos na luta, os quais, apesar da opressão e violência epistêmica imposta, têm resistido. A poesia da voz que faz a educação sensível no canto ancestral, nos jogos tradicionais, nos ensinamentos de ditos, ritos e mitos, a vibrar o primordial de que somos feitos, é um destes conhecimentos indispensáveis à diversidade epistêmica tão necessária.

VOZ NEGADA

Sem parar de falar aqui dentro
vozes me habitam
na calada da noite.

(Lucinda, 2016, p. 448).

A herança estrutural e sistêmica da cultura eurocêntrica, desenvolvida de modo ostensivo desde a invasão das Américas, da África e de outros territórios no mundo por tropas

coloniais, a partir da imposição de suas formas de organização, interfere diretamente no saber epistemológico, saber científico legitimado socialmente, seja na academia ou em outros espaços de poder. Além de seres humanos mortos pela imposição colonialista, nestes mais de quinhentos anos, muitos saberes, epistemes, subjetividades e sociabilidades foram apagadas, negadas em nome de uma civilidade instituída sob uma narrativa universalizante que desumaniza e exclui os sujeitos que não respondem ao padrão da lógica moderna eurocentrada. Nega, assim, os que não se encaixam ao seu modelo de racionalidade.

La centralidad dominadora de Europa del Norte como potencia militar, política y cultural pudo desarrollar su filosofía desde finales de la Edad Media (en el siglo XV de un Nicolás de Cusa y del Renacimiento italiano, debido también a la presencia de los bizantinos expulsados por los otomanos de Constantinopla en 1453) e dio posibilidad al desarrollo de su propia filosofía que, ante la desaparición o crisis de las otras grandes filosofías regionales, podrá elevar su *particularidad* filosófica con *pretención de universalidad* (Dussel, 2017, p. 22, grifos do autor).

Apesar da pretensão imperativa de universalidade da filosofia moderna e etnocentrêntrica da Europa, faz-se necessário, entretanto, observar a existência de outras lógicas de pensar-sentir-agir nas diferentes culturas da humanidade nos diversos tempos históricos. É preciso perceber, reconhecer e viver a diversidade epistemológica e filosófica existente. O desafio, diante dessa negação de filosofias apartadas dos fundamentos da filosofia europeia ocidental, filosofia moderna/colonial, é o exercício e criação de diálogos entre as diferentes cosmovisões dos povos periféricos subalternizados.

Hay entonces filosofías en las grandes culturas de la humanidad con diferentes estilos y desarrollos, pero todas producen (en algunas de manera muy inicial, en otras con alta precisión) una *estructura categorial conceptual* que debe llamarse filosófica (Dussel, 2017, p. 20, grifos do autor).

Portanto, afirma-se a dimensão filosófica e epistemológica das reflexões e da produção de conhecimentos de populações afro diaspóricas, africanas, indígenas e terceiro-mundistas. Populações estas resistentes e re-existent em suas vozes que, apesar de tanta violência, seguem

ecoando seus modos de ser e de estar no mundo, sociabilidades fundadas na longa tradição de lutas, derrotas e vitórias destes povos. Lutas, saberes e sabores com os quais, a academia que se pretende libertária, autônoma e revolucionária, deve se envolver e reaprender a apreender.

É importante enfatizar que a estrutura colonial não desapareceu e segue também se reinventando. A dinâmica de reprodução das estruturas de poder se altera e se impõe em vários códigos que mantêm as hierarquias organizadoras da sociedade colonizada, em suas lógicas econômicas, políticas, cognitivas, da existência, das relações com a natureza, etc. Desse modo, a colonialidade do saber segue a ser instrumento fundamental para o fortalecimento, a expansão e a legitimidade das opressões geradas pelo capitalismo, pelo colonialismo moderno.

Ao contrário do que vulgarmente se pensa, a independência política das colônias europeias não significou o fim do colonialismo, e sim, apenas a substituição de um tipo de colonialismo por outros (colonialismo interno, neocolonialismo, imperialismo, racismo, xenofobia, etc.) (Santos, 2020, p. 27).

Assim, é possível observar as diversas formas de expressão da colonialidade/modernidade que asseguram as estruturas que sustentam o poder hegemônico colonialista. Tais expressões das hierarquias coloniais relacionam-se diretamente com as subjetividades humanas, com dimensões que constituem as visões de mundo do sujeito corporificado, pois ele é constituído e se sustenta no tempo e no espaço; na estrutura de poder e na cultura; nos modos de produção do saber. Ou seja, as principais dimensões, referentes às subjetividades constituintes do sujeito e suas visões de mundo, são: o ser, o saber e o poder.

É somente em virtude da articulação de formas do ser, poder e saber que a modernidade/colonialidade poderia sistematicamente produzir lógicas coloniais, práticas e modos do ser que aparecem, não de modo natural, mas como uma parte legítima dos objetivos da civilização ocidental moderna. Colonialidade, por isso, inclui a colonialidade do saber, a colonialidade do poder e a colonialidade do ser como três componentes fundamentais da modernidade/colonialidade (Maldonado-Torres, 2018, p. 49).

É neste sentido que a voz negada, em seus modos de ser e de saber das populações subalternizadas, tem papel fundamental para a manutenção das

estruturas de poder colonialistas. O projeto de colonialidade/modernidade se sustenta a partir da retroalimentação e reprodução das colonialidades do saber, do poder e do ser. Dimensões básicas que organizam a existência dos sujeitos e suas intervenções no mundo. Como afirma Maldonado-Torres (2018), “O mais direto e óbvio fio que unifica a colonialidade do poder, do saber e do ser é o sujeito colonizado”.

Desse modo, pensar um projeto de educação e sociedade que faça vibrar a voz negada, passa por um processo de atenção e compreensão destas dimensões estruturadas hierarquicamente de diversos modos no sistema social vigente. Assim, olhar para a academia, para a ciência, estruturas fundamentais instituídas, não apenas da dimensão do saber, mais do ser e do poder, articulados, é indispensável para a ruptura com as hierarquias impostas pelo modelo colonial e que se perpetuam por meio do colonialismo. Nesse sentido refletir o desenvolvimento de uma ciência sensível, a partir da voz poética dos sujeitos negados, colabora com a pluralidade epistêmica que apontará novos paradigmas indispensáveis para a construção de um mundo mais justo, mais solidário, mais criativo e mais potente. É desse modo que a educação sensível sob os pressupostos de uma diversidade poética, afina-se às propostas de educação intercultural, quando a interculturalidade se apresenta como importante desafio da colonialidade.

A possibilidade de propostas de educação intercultural que se estabeleçam a partir de relações de reciprocidade, supõe a emergência de outros paradigmas. Nessa perspectiva se insere, entre outras alternativas, o pensamento fronteiriço, como uma aposta na desconstrução de subalternidades e na emergência de formas mais solidárias de ser-sentir-pensar-agir (Fleuri, 2017, p. 223).

O pensamento fronteiriço revela-se na voz poética da educação sensível (vocalidade negada pela educação moderna colonialista que promove a ciência-técnica hegemônica, em detrimento da ciência-saber) ao conceber tal voz em vibração e silêncio; ao tratar a ciência como matéria de objetividades e subjetividades; ao abordar a educação como lugar de razão e sensibilidade. Desse modo, nos pressupostos que sustentam o paradigma da educação sensível, há uma ruptura com a lógica cartesiana da modernidade

que, estrategicamente, serve às hierarquias colonialistas, uma vez que estas desenvolvem uma lógica de pensamento que isola e separa, ou seja, de um pensamento disjuntivo e redutor. A reprodução e fortalecimento dessa lógica paradigmática da educação moderna é uma das chaves indispensáveis à colonialidade do saber e fundamental para o apagamento e a negação das vozes periféricas.

ENTREVOZES, VOZ DA RESISTÊNCIA, AFINAL

Somos filhas da ribanceira
Netas de velhas benzedadeiras,
Deusas da mata molhada,
Temos no urucum a pele encarnada,

Lavando a roupa no rio, lavadeiras
No corpo o gingado de carimbozeiras,
Temos a força da onça pintada,
Lutamos pela aldeia amada,

Mas viver na cidade não tira o direito de ser,
Nação, ancestralidade, sabedoria, cultura,
Somos filhas de Nhanderú, Senerú, Nhandecy
O Brasil começou bem aqui...

Não nos sentimos aculturadas,
Temos a memória acesa,
E vivemos na certeza de que nossa aldeia
Resistirá sempre ao preconceito do invasor,
Somos a voz que ecoa. Resistência? Sim senhor!

(Márcia Wayna Kambeba).

A voz negada que nos dedicamos a fazer vibrar, por meio da educação sensível, é aquela feita de tantas vozes que anunciam e fazem acontecer a resistência pela *mitopoiesis*, é a que faz essa oralidade poética que acende nossas memórias e nossos corpos quentes de viver. Por mais que tramem a nossa morte, nos recusamos a “cumprir a sina” de sujeitos condenados, então, cantamos a vida e a luta, lugar de onde vem nossos saberes mais fundos. Os saberes que engendram a cultura amazônica, por exemplo, são marcados por uma memória arcaica³ que estabelece nossos modos de ser nas relações com o mundo. As narrativas míticas que, tão fortemente, faz o sujeito da imensa e plural Amazônia, revela esse arcaísmo. A própria denominação do termo Amazônia é fundada sob a voz poética do mito.

O reino dos amazônicos nasce, portanto, sob a força do mito. O país imaginário descende da imagem feminina das Amazonas, que desdenha o macho,

mas que se aproveita dele para gestar a nação. As mulheres guerreiras manejam arcos, amputam um seio e os filhos homens. AMAZONA: A = não; MAZONA (madzós) = seio. Originárias da mitologia greco-romana, as amazonas, filhas de Ares, deus da guerra e da ninfa Harmonia, fundam um reino belicoso composto, quase que exclusivamente, por mulheres, e, se porventura, existissem homens era para trabalhos servis e para perpetuar e ampliar a comunidade. Os relatos divinos e heroicos ensinam a vida, são oráculos dos tempos imemoriais. No mito clássico ou no tropical, criam-se reinos belicosos, templos secretos (Fares, 2003, p. 123).

O filósofo Enrique Dussel, ao tratar do desenvolvimento racional de narrativas míticas também afirma o lugar de importância do mito ou de “una mito-poesis” na produção cultural da humanidade.

La humanidad, siempre e inevitablemente, sea cual fuere el grado de su desarrollo y em sus diversos componentes, expuso lingüísticamente las respuestas *racionales* (es decir, dando fundamento, el que fuera, mientras no sea refutado) a dichos núcleos problemáticos por medio de un proceso de “producción de mitos” (una *mito-poesis*) (Dussel, 2017, p. 12).

A voz da memória mitopoética, abordada pela educação sensível, expressa em tantas culturas de diferentes povos e em tempos diversos, vibra o corpo da resistência, cuja força revela a imagem primordial que estrutura nossas experiências, sentimentos e pensamentos. Essa voz pulsante é a voz que canta todos os povos do mundo; voz plena em explosão do ser que é potência criadora que faz uma educação em direção à origem. Essa educação que vibra o oris, o original, a origem, faz reencontrar nossa humanidade, reencontro indispensável para seguir neste tempo/lugar de luta contra a desumanização dos sujeitos, contra o desenvolvimento de um projeto cruel, sob a lógica capitalista, de priorizar o lucro perante à vida. Um modelo de sociedade em que se escancaram as opressões das hierarquias coloniais, que seguem negando as epistemes e filosofias que diferem de seus códigos e de suas e visões de mundo pretensamente superiores.

Neste estudo, cuidou-se de evidenciar a educação sensível frente à colonialidade do saber, apontando para seus pressupostos da memória e da poesia como indispensáveis à resistência dos sujeitos. Esclarece-se que a abordagem feita a partir da colonialidade do saber é desenvolvida no sentido de ressaltar a

dimensão epistêmica da colonialidade do poder e do ser. Portanto, a colonialidade reinventada, expressa na perpetuação das hierarquias sociais, fundamentalmente hierarquias discriminatórias, tem produzido relações de desumanização com o esfacelamento do ser, de tal modo, a perdermos o sentido de presença e, ainda mais grave, o sentido de existência, diante de tanto escárnio e miséria humana vividos na contemporaneidade. Projetos falidos de sociedades e de humanidade, as quais, por vezes, têm sido exaltadas, a revelar uma deprimente “ostentação da pobreza”, como escreveu Walter Benjamin (1994) ao tratar da cultura de vidro, inimiga da voz, do mistério e da experiência.

Nesse sentido, é preciso colaborar com uma educação que valorize as experiências dos povos; acenar para a construção de uma diversidade poética engendrada por uma pluralidade de saberes em diferentes culturas. Buscar uma educação pluriepisteme. Tal educação acontecerá pela prática e vontade de liberdade, impondo-se a tarefa do despertar social e político como imprescindível para o fortalecimento de sujeitos autônomos, pois que, em exercendo o direito humano de serem livres, possam dar sentido ao mundo e à vida tal como se estabelece a função poética do ser. Esta é a vocação ontológica do humano: “ser mais”. É o que Freire (2014) evoca como utopia para a realização do projeto social de autonomia.

a utopia, porém, não seria possível se faltasse a ela o gosto da liberdade, embutido na vocação para a humanização. Se faltasse também a esperança sem a qual não lutamos.

O sonho pela humanização, cuja a concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica, etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e refaz (Freire, 2014, p. 137).

Co-mover o sonho, eis o sentido da utopia. Somos em movimento pois que “nada se pode dizer do Ser fora do sendo” (Castoriadis, 2004, p.142). Assim, faz-se um apelo urgente por ouvir, perscrutar e visibilizar a voz poética da educação sensível geradora de semovências em nós e no mundo, em contraposição à negação da humanidade

do ser, imposta pela dominação funcionalista heteronômica, preponderante na sociedade contemporânea. Neste estudo, o sentido e a beleza do pensar/sentir/fazer educação conscientes dos seres inacabados que somos e que por este inacabamento, fazemo-nos seres semoventes formando e transformando tudo que há: esperança que nos move.

NOTAS

1. O termo Educação Sensível, elucidado no livro *Educação sensível na voz de Calados: poesia e memória em regime crepuscular* (Favacho, 2018), tem inspiração teórica inicial na ideia de razão sensível (Maffesoli, 2008). Nessa obra, traduzida no Brasil como *O Elogio da Razão Sensível*, o filósofo elabora uma episteme a partir de conceitos que fundamentam a razão sensível como razão aberta, orgânica, deontológica e complexa. Assim, a reflexão e constituição epistemológica da Educação Sensível que, junto a outros teóricos de diferentes campos de estudo, além de poetas e outras vozes mitopoéticas, permitiram/permitem uma abordagem conceitual mais ampla dessa terminologia. A construção teórica do termo está em pleno movimento, ao ganhar mais corpo com antigos e novos estudos.

2. Boaventura de Sousa Santos, em seu livro *Império Cognitivo*, ao tratar das Epistemologias do Sul, assevera que os critérios dominantes do conhecimento válido na modernidade ocidental, por não reconhecerem outros conhecimentos como válidos para além daqueles produzidos pela ciência moderna, deram início a um epistemicídio massivo, ou seja, à destruição de uma imensa variedade de saberes que prevalecem nas sociedades e sociabilidades coloniais.

3. Observo que memória arcaica deve ser entendida a partir do sentido etimológico da palavra *Arcaico*: "Do lat. tard. *Archaicus*, deriv. do gr. *Archãikós*, de *archaios* (*archê* 'princípio').

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: 7ª ed.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do Pensável.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa.** 4ª ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DUSSEL, Enrique. **Filosofias del Sur: descolonización y transmodernidad.** Ciudad de México: Akal, 2017.

EVARISTO, Conceição. Vários autores. **50 Poemas de Revolta.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FARES, Josebel Akel. **Cartografia marajoaras: cultura, oralidade, comunicação.** Tese (Doutorado em Comunicação e Seminótica), Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

FAVACHO, Dia. **Educação sensível na voz de Calados: poesia e memória em regime crepuscular.** Belém: Paka-Tatu, 2018.

FLEURI, Reinaldo. **Educação intercultural e movimentos sociais: trajetórias de pesquisa da Rede Mover.** João Pessoa, editora do CCTA, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2014.

KAMBEBBA, Márcia. **A poeta indígena que luta pelos direitos da mulher nas aldeias.** Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/poeta-indigena-que-luta-pelos-direitos-da-mulher-nas-aldeias/>>. Acesso em: 29 set. 2021.

LUCINDA, Elisa. **Vozes Guardadas.** Rio de Janeiro: Record, 2016.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** 4ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Organizadores Joaze Bernadino-Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

PAES LOUREIRO, João Jesus. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário: São Paulo.** Escrituras Editora, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do Império Cognitivo:** a afirmação das epistemologias do Sul. São Paulo: Autêntica, 2020.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral.** Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOBRE AS AUTORAS

Dia Ermínia da Paixão Favacho é Doutora e Mestre em Educação, linha de Saberes Culturais no Programa de Pós-Graduação da Universidade do Estado do Pará (UEPA); assessora pedagógica do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA) e coordenadora do grupo de pesquisa CUMA-UEPA e do grupo de pesquisa Estudos de Narrativas na Amazônia-Universidade Federal do Pará (UFPA). Membro de entidades científicas, tais como a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL/ GT de Literatura Oral e Popular), a Associação de Pesquisa e Pós Graduação em Educação (ANPED/ GT Educação e Arte).

E-mail: favachodia1@gmail.com

Josebel Akel Fares é Doutora em Comunicação e Semiótica: Intersemiose na Literatura e nas Artes (PUCSP, 2003); mestra em Letras: Teoria Literária (UFPA,1997). Possui estágio Pós-Doutoral em Educação (PUCRS, 2012). É licenciada em Letras. Professora titular da Universidade do Estado do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Educação. Membro do Grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA - UEPA), que coordenou durante 20 anos; participa do Estudos de Narrativas na Amazônia (UFPA), Membro de entidades científicas, tais como a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL/ GT de Literatura Oral e Popular), a Associação de Pesquisa e Pós Graduação em Educação (ANPED/ GT Educação e Arte).

E-mail: belfares@gmail.com

Recebido em: 27/08/2024

Aprovado em: 24/10/2024